

O carteiro e o poeta: Porque a língua serve não só para lambar selos

Resumo do filme “O carteiro e o poeta”, do diretor Michael Radford, se passa numa remota ilha da Itália, onde não há água doce corrente, cujos habitantes tem a pesca como atividade principal e são majoritariamente analfabetos. Pablo Neruda (Philippe Noiret), “poeta do amor”; chileno, vai para esta ilha viver o seu exílio (eram tempos de ditadura na América Latina). Mário (Massimo Trossi), um dos poucos habitantes locais que sabe ler e escrever, fica incumbido de ser o carteiro exclusivo do Neruda. O carteiro admira Neruda por ele ser considerado um “poeta amado pelas mulheres”, como anunciou o cine-jornal da ilha; e tenta aproximar-se do chileno na esperança de obter sucesso com as mulheres, mas o Neruda não dá muita atenção ao Mário. Até que Mário apaixonou-se perdidamente por Beatrice (Maria Grazia Cucinotta) e pede a Neruda para ajudá-lo a conquistá-la. A partir daí, a relação dos dois vai se estreitando e aprofundando, sempre tendo a poesia como guia desta bonita amizade que surge. Mário começa a ler os poemas do Neruda, tenta escrever os seus próprios, aprende o que é metáfora e conquista o seu grande amor com o auxílio da poesia. Beatrice e Mário se casam e Neruda é o padrinho de seu casamento. Neruda volta para o Chile. Mário e os moradores da ilha passam bastante tempo esperando uma carta pessoal do poeta chileno, mas esta não chega. Mário, então, grava uma fita para Pablo, onde descreve os seus lugares prediletos da ilha, como Neruda o havia pedido certa vez, e ele apenas conseguira dizer o nome de sua amada Beatrice. Mário, inspirado pelo Pablo Neruda, envolve-se com o movimento comunista, mas, ao que o filme indica, ele se envolve como poeta, pois vai à manifestação política para declamar o seu primeiro e único poema (“Canção para Neruda”), mas acaba morrendo num tumulto causado pela repressão policial, antes mesmo de ler o poema. O filme dá um salto no tempo e mostra a volta de Neruda à ilha, anos depois, com o filho de Mário e Beatrice (Pablito) já crescido. Neruda finalmente recebe de Beatrice o valioso presente que Mário havia deixado: sua descrição peculiar e sensível das belezas da ilha. Poesia pura!

Apreciação Crítica “E foi naquela época...

A poesia chegou me procurando.

Eu não sei, não sei de onde ela veio,

se de um inverno ou de um rio.

Eu não sei como nem quando.

Não, não eram vozes,

não eram palavras, nem silêncio;

mas de uma rua eu fui chamado abruptamente

dos ramos da noite, dos outros,

no meio de um tiroteio violento,

e num retorno solitário lá estava eu

sem um rosto... e ela me tocou.”

Pablo Neruda

A ilha e seus moradores A ilha, onde se passa a história, não tem água doce corrente e depende da água trazida por navio apenas uma vez por mês, o que não é suficiente para suprir a necessidade local. Seus moradores são em sua maioria analfabetos e tem a pesca como principal atividade. A comunidade há tempos espera que os políticos cumpram as promessas feitas em época de campanha eleitoral (de levar água para a ilha, de melhorar as condições de vida da população), mas são consecutivamente enganados, sem reagir a isso, sempre acreditando de novo nas mesmas mentiras, como acontece com o político Di Cosimo, que logo após vencer as eleições, desfaz todos os compromissos que assumira com a comunidade apenas para ser eleito. É uma comunidade acostumada a reproduzir velhas formas de vida (trabalho, casamento, reprodução), sem almejar muito mais do que isso, sem questionar, sem exigir seus direitos, sem reagir às injustiças. A ilha traz a idéia de um ambiente limitado, isolado, sem água e sem apoio das entidades públicas.

Mário: um ser à parte Mário Ruoppolo, um homem de seu trinta anos de idade, está desempregado e mora com o pai, um velho pescador. Mário não pode pescar, pois é alérgico à umidade dos barcos e sente enjôo com o balanço do mar. Mário recebe um cartão postal de uns primos que vivem na América e contam maravilhas de lá, como o país é próspero e desenvolvido, e isso faz com que ele sonhe com uma vida diferente, em um novo lugar, onde não falte água e haja outras opções de trabalho; muito diferente da realidade da ilha onde mora. Já nas primeiras informações que o filme apresenta a respeito de Mário, podemos observar que ele se distingue do resto da comunidade da ilha. Ele não se adaptou àquele modo de vida, ele espera algo diferente para si mesmo. O pai de Mário percebe a sua inadaptação ao ambiente da ilha, quando admite que Mário nunca quis ser pescador, mas, ainda assim, exige que ele arrume logo um trabalho, não importa onde. A convivência com Neruda A chegada do grande poeta Pablo Neruda, anunciada pelo cine-jornal, é um grande acontecimento para o lugarejo, não acostumado ao acontecimento de fatos extraordinários. A chegada de Neruda gera uma curiosidade da população em relação ao modo de vida do intelectual chileno e Mário, por ser o único membro da comunidade a ter acesso ao artista, pretende aproveitar-se desse privilégio para chamar a atenção das mulheres, como o amigo do “poeta do amor”. A chegada de Pablo Neruda significa a oportunidade de uma vida nova para Mário. Ao se envolver com a poesia, ele vai se distanciando do modo de vida vigente na ilha (pesca, analfabetismo, repetição de antigos padrões) e tem a possibilidade de descobrir o seu verdadeiro caminho: ser poeta. E o trabalho que Mário arruma é justamente o de carteiro do Pablo Neruda, embora desde o início o seu chefe o alerte que o dinheiro não dará para nada além de uma sessão de cinema por semana; o que não impede Mário de aceitar o trabalho, pois o seu desejo de estar próximo ao “poeta do amor”; e de aprender com ele os segredos das conquistas amorosas é muito maior do que suas expectativas financeiras. Mário é sensível, percebe

que o ato de criar é frágil e importante, ele chega sempre com cuidado à casa de Neruda, temendo atrapalhar seu processo criativo. Mário observa que todos os remetentes das cartas que Neruda recebe são femininos e vê, ainda, que o poeta tem uma relação carinhosa e apaixonada com a esposa; então ele decide que também quer ser poeta, para que as mulheres se apaixonem por ele. O desejo de ser amado é que dá ao Mário o primeiro impulso para traçar o seu novo caminho: o de poeta. Mário: “Como me torno poeta?” Neruda: “Vá caminhando pela baía e observe tudo”. Assim começa “oficialmente” a nova carreira de poeta do carteiro. Mário é capaz de perceber intuitivamente a poesia do mundo, das pequenas coisas, ele tem uma imaginação e uma sensibilidade que são a base da sua capacidade poética. Mário não tem conhecimento técnico ou teórico da poesia ou da literatura, ele até sente dificuldade em colocar no papel a poesia que sonha fazer, mas a sua maior obra é a sua própria vida, o seu jeito singular de observar o mundo, o seu amor por Beatrice, a forma como ele vê as belezas da ilha... esse é o seu poema maior! Mário tem características específicas que podem, de certa forma, explicar o fato de ele ter sido tão fortemente inspirado e envolvido por Neruda e pela poesia: simplicidade, espontaneidade, romantismo, sensibilidade aguçada, curiosidade... ele pesquisa sobre o Chile num Atlas, assim que o poeta chega; observa atentamente a relação de Neruda e Matilde (sua esposa), lê os poemas do Pablo Neruda, contempla a natureza... enfim, Mário tem alma de poeta e quando encontra Neruda e sua poesia, é como se todo seu potencial poético, que estava adormecido, despertasse pouco a pouco, ganhando força e asas para voar por onde a imaginação o levar. Mário é um romântico e com esses olhos ele vê a vida. Para seu chefe no correio, Pablo era o “poeta do povo” e para Mário era o “poeta do amor”. Aprendendo o que é metáfora Ao começar a ler as poesias de Neruda, Mário começa a trazer dúvidas para discuti-las com o poeta, daí surge a questão da metáfora e Mário pede ao Pablo para ensina-lo não só o que são metáforas, mas também a construí-las. "Você quer dizer que o mundo todo, o mar, o céu com a chuva, as nuvens... o mundo todo é, todo ele, metáfora de alguma outra coisa?" Essa pergunta de Mário ao Neruda deixa claro o seu dom de ver o mundo com olhos e alma de poeta, percebendo todas as coisas como possibilidades poéticas, como metáforas de coisas que não vemos. A metáfora envolve a tensão entre o mundo visível e o invisível e ainda uma tensão dentro de nós mesmos, ela é a prova de que há pelo menos duas formas diferentes de ver as coisas, dois significados ostensivamente compatíveis. Desta forma, a metáfora privilegia a diversidade, a co-existência das diferenças, a liberdade de expressão e exalta a subjetividade, pois a metáfora permite que cada um apresente o(s) seu(s) ponto(s) de vista. O amor como impulso criativo Ao se apaixonar por Beatrice, Mário ganha o impulso decisivo para realizar o seu novo projeto de vida, o de um homem livre, criativo, sedutor... O amor ativa a sua imaginação (que linda a cena em que ele compara a bola de totó que Beatrice carregava na boca, à lua cheia, e desenha o círculo no papel, o seu primeiro “poema” inspirado pelo amor por Beatrice). A imaginação é fundamental para o amor, para a poesia, para a vida. A imaginação, o amor, a poesia e a vida “A ação da criança que inventa uma nova brincadeira com os seus companheiros, ou a de Einstein, que formula a teoria da relatividade, ou a da boa dona-de-casa que inventa um novo molho para o prato, ou a de um jovem escritor que escreve seu primeiro romance, são todas, segundo a nossa definição, criativas.” Carl Rogers, psicólogo e cientista. Neruda se espanta com a potencialidade criativa e poética de Mário, que volta e meia sai com tiradas altamente elaboradas e de uma poesia incrível, apesar de ele não ter tido nenhuma aprendizagem formal desta arte. Neruda chega até mesmo a pedir sugestões ao Mário para construção de seus novos poemas, ao que Mário auxilia tranqüila e espontaneamente. Albert Einstein disse certa vez que “a imaginação é mais importante que o conhecimento”. No caso de Mário, um poeta nato, essa frase me parece verdadeira. No texto “O conceito de imaginação criativa”, Gelson Luis Roberto e Marisa Campio afirmam que a imaginação nos oferece a possibilidade de enxergar o lado interior das coisas e de reconhecer que há mais em nossa experiência cotidiana do que costumamos admitir. Para eles, a imaginação torna possível o lado metafórico da linguagem e a visão poética da vida requer a manutenção da consciência cotidiana. Mário parece equilibrar-se bem entre esta tensão cotidiano/imaginação. Ele transita bem entre os dois universos e aos poucos, através da poesia, parece os integrar. Parece certo que Neruda também teve muito a aprender com o Mário. Ele pôde perceber, através de sua relação com esse homem tão simples e puro, que há poesia nas pequenas coisas, a poesia está no mundo que nos cerca e que apenas espíritos muito sensíveis (como o de Mário) são capazes de captar. A poesia e o processo de individuação “Mas, o que é um poeta, o que é a poesia?

A palavra poesia vem do grego poesis, substantivo derivado do verbo poieô que indica a ação de fazer. O termo poieô é tomado nas seguintes acepções:

- 1- fabricar, confeccionar.
- 2- criar, produzir.
- 3- fazer nascer, causar.
- 4- buscar, investigar.
- 5- fazer por si, fazer segundo seu gosto.
- 6- criar por si, fazer a si mesmo.
- 7- apreciar, julgar.

Poiesis (poesia) é, portanto a ação que lhe corresponde. E, poietes que é o realizador dessas ações tem os seguintes significados: autor, criador, inventor, fabricante, artesão. O poietés realiza a poiesis porque é poietikós e esta palavra tem as seguintes acepções: que tem a virtude de fazer; quem é inventivo e engenhoso; o que é próprio da poesia.

Aquilo que o poietes produz, porque é ele mesmo poietikós e realiza poiesis, é o poiema. Poiema tem as seguintes acepções: o que se faz; a obra, os atos da criação do espírito, invenção.”[1] Mário concretiza a sua obra poética ao gravar a fita para o Pablo Neruda, descrevendo os sons e as imagens da sua ilha. Sim! Porque agora é a sua ilha que ele vai dar de presente para Neruda, é a sua forma particular de ver e viver esse lugar. “Número um: ondas em Cali Sotto. Pequenas.

Número dois:

ondas grandes.

Número três:

vento nos rochedos.

Número quatro:

vento nos arbustos.

Número cinco:

redes tristes do meu pai.

Número seis:

o sino da igreja. Com padre.

(Belo. Não havia notado antes
como era tudo tão belo).

Número sete:

céu estrelado na ilha.

Número oito:

o coração de Pablito. Definitivamente, Mário aprendeu o que é metáfora e essa gravação-poema materializa a sua forma específica de ver poeticamente o mundo e a partir desta visão, também construir o seu próprio mundo de forma poética, metafórica, levando em conta o mundo sensível, invisível, mas que Mário pode sentir e perceber muito naturalmente. "A adesão ao invisível, eis a poesia primordial, eis a poesia que nos permite tomar gosto por nosso destino íntimo... A verdadeira poesia é uma função de despertar";

Gaston Bachelard[2] No texto "Poesia e individuação"; Vera Lucia Paes de Almeida diz que o processo de individuação é um processo poético e envolve um constante encantamento com a vida. Este encantamento, segundo a autora, provém de um contato com o invisível, com o inconsciente. Para ela, fazer a ligação entre o visível e o invisível é manter a conexão ego-self; é encontrar no cotidiano o significado simbólico que torna cada sujeito único e especial. A trajetória poética do Mário é a confirmação do que nos diz a autora. Ao apaixonar-se por Beatrice e pela poesia, ele entra num estado de encantamento com a vida, com a natureza, com as pequenas coisas do dia-a-dia. Ao aprender o que é metáfora, ele entra em contato com o invisível, com o que está por trás das coisas visíveis e até mesmo com o divino. Ele se apossa do seu mundo, integra-se, por isso eu afirmei acima que agora a ilha era sua, porque com a sua imaginação criadora, ele se apropriou dela, assim como se apropriou de si mesmo. Ao fazer da sua vida uma poesia, ao se encantar com o mundo, Mário faz essa ligação entre o visível e o invisível, ele vai se individuando, se tornando um sujeito único no universo. Ao aderir ao invisível e à imaginação criadora, ele toma gosto por seu próprio destino.

Conclusão "Quem, eventualmente, poeta não é, cria o quê? Se alguém não tem mesmo nada para criar, pode talvez criar a si mesmo"; C.G. Jung. O processo de individuação do Mário, já esboçado antes da chegada de Neruda à ilha, deslancha a partir desta relação de amor com o poeta, com a poesia e com Beatrice. Mário começa a compreender a si mesmo, a desenvolver seus potenciais, a sua auto-estima fica elevada e sua relação com as pessoas torna-se mais harmoniosa e autêntica. Ele não tem mais vergonha de ser quem ele é, se sente valorizado, amado. Mário também estava acostumado a não reagir às injustiças, o que podemos observar na cena em que Neruda descobre que falta água na ilha e pergunta a Mário porque eles (a comunidade) não protestavam contra isso, ao que Mário responde: "E dizer o quê?". Mas a sua postura em relação a isso também vai sendo modificada a partir do seu encontro com o poeta e a poesia. Um pouco mais tarde no filme, ao observar compradores negociando com pescadores por um preço mais baixo, Mário interfere, dizendo que eles parem de barganhar com os pobres, que barganhem com quem tem mais do que eles. No final do filme, somos informados de que Mário adere ao movimento comunista, ainda que como poeta; mas ele segue tomando atitudes, sendo um sujeito ativo, abandonando a passividade comum ao meio ambiente do qual ele provém. Assim, podemos perceber que um novo homem estava sendo construído, sendo transformado em vários aspectos de sua vida: afetiva, intelectual, social... Mário mergulhou de cabeça no seu processo de individuação e é certo que iria muito além, se não tivesse sua vida abruptamente interrompida pelo incidente fatal na manifestação comunista.

[1] DE OLIVEIRA, Cid. O Carteiro e o Poeta - Da vida ordinária à vida poética. portodoceu.terra.com.br/artesimbolismo/ocarteiro-eopoeta.asp [2] Bachelard, G. "A água e os sonhos". Martins Fontes. 1998. p. 18.